

Panoramas De Uma Viagem De Estudos

Dárdano A. Lima

Eng. Agrônomo

Longe dos cinemas e arranha-ceus, mais próximo da natureza, a vista do homem acostumado às curiosidades da “grande mãe”, encontra sempre motivos de satisfação, assuntos novos para divagar e interrogar.

Em nossa última viagem pelo interior do Brasil onde percorremos uma pequena parte de Alagôas, Pernambuco do Recife a Petrolina, o sertão são-franciscano da Baía, bôa parte de Minas Gerais e São Paulo e finalmente a Capital do Paiz, algumas dessas curiosidades se apresentaram especialmente dignas de nota.

Quando acompanhamos o rio São Francisco, até aproximadamente o município pernambucano de Coripós, quasi não encontramos qualquer palmacea em estado nativo. Apenas indivíduos, mais ou menos isolados. Entretanto, a partir dessas imediações, em ambas as margens, surge a Carnaubeira — Copernicia cerifera M. As condições do clima são aproximadamente as mesmas.

Seguimos o rio e conosco seguem as carnaubeiras, que depois do município baiano de Joazeiro, vão de mais a mais se aglomerando, formando, em alguns lugares, verdadeiros bosques.

A paisagem marginal toma uma nova vida.

No entanto, sem que se espere, elas desaparecem. É uma região de morros ou areais pronunciados, que se avizinha. Ao mesmo tempo que as carnaubeiras desaparecem, com a presença dos morros de rochas intensamente corroidas, voltamos a ver os representantes vegetais da verdadeira "caatinga", como o facheiro — *Cereus squamulosus*. Salm-Dyck; xique-xique — *Pilocereus Gounellei*. Weber; caatingueira — *Caesalpinia Gardneriana*. Benth, etc.

Passando esses morros ou areais, voltam, com as condições anteriores, as carnaubeiras.

À medida que vamos penetrando pelo sertão da Baía, manchas de vegetação mais exuberante vão se apresentando com maior frequência. E com a presença dessas manchas, começamos a sentir a ausência daquela grande amiga do homem que é a carnaubeira.

Seguimos adiante, sempre mais para o sul e vai agora conosco, apenas a lembrança daquele leque gracioso, que, não temos notícia de já ter sido aproveitado como motivo decorativo. Miniaturas dessa palmeira, convenientemente trabalhadas e adaptadas em leque, poderiam amenisar as horas de nossa companheira, quando o sol dos trópicos procura comrir a vida sobre a terra.

É curioso se notar que só encontramos carnaubeiras em quantidade apreciável nas margens do São Francisco, nesse trecho a que nos referimos. Compreende os municípios pernambucanos de Coripós e Petrolina e os baianos de Curuçá, Joazeiro, Casa Nova, Santo Sé, Remanso, Pilão Arcado, Xique-Xique e Barra.

→ Julgamos ser devido á textura do sólo, silico-argiloso e profundo e por sua constituição, onde se apresentam sempre calcáreos.

— Foi com tristeza que vimos o solo do Brasil ser arrastado pelas águas do rio. Sôbre ele encalhamos 15 vees.

Os bancos moveis de areia amarela, onde as garças e mergulhões buscavam repouso e oportunidade para colher um pouco de alimento, esperavam que a próxima cheia os levasse mais para baixo. Todos os anos mudam de posição, tornando assim, penoso o trabalho dos navegadores do rio. Só a grande prática desses homens em descobrir o canal, possibilita a navegação com a relativa segurança com que é realizada.

E todo aquele material que segue com as águas, igualmente ao homem de nossas caatingas que se perde nas grandes capitais, desaparecerá, um dia, no oceano magestoso.

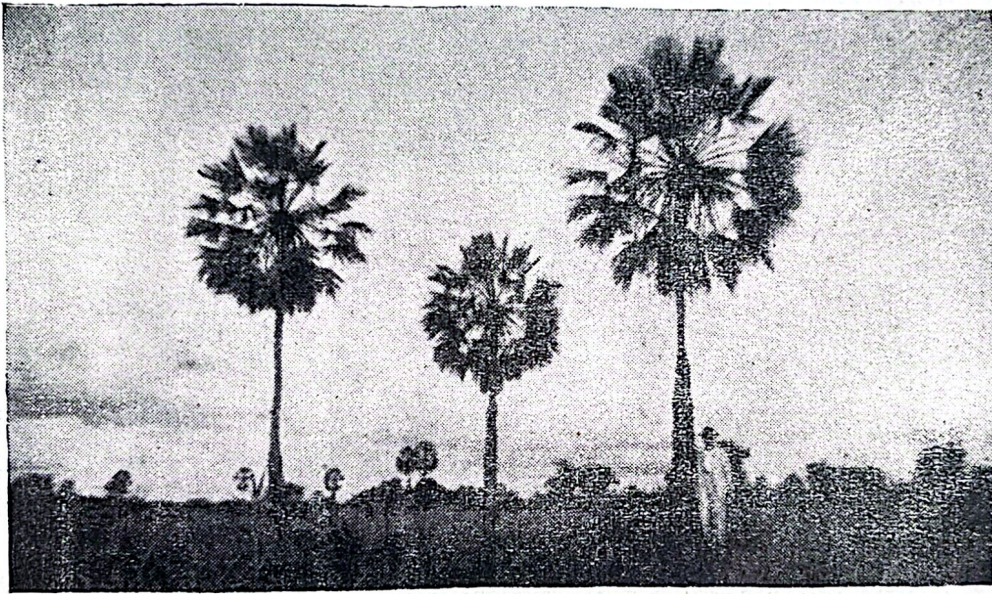


Fig. 1
"Carnaubeiras"

Estabelecendo um paralelo curioso, ainda não conseguimos a verdadeira fixação do homem àquela região, nem a fixação das margens e leito daquele rio.

Todos os anos a força das águas rouba uma boa parcela de nosso território.

As ilhas do rio também sofrem o mesmo desgato

Estamos certos de que, caso não sejam tomadas providências urgentes, essas ilhas desaparecerão e as margens ficarão afastadas de tal forma, que a profundidade diminuirá, a ponto de não mais permitir a navegação aos navios.

É o caso do rio das Velhas, afluente da sua margem direita, que já foi navegável em grande extensão para navios do tipo dêsses que hoje viajam no São Francisco. A falta de providências oportunas determinou a impossibilidade de sua navegação, que hoje estamos presenciando.

Algumas pessoas daquela região contestaram nossa afirmativa, com a alegação de que em verdade, algumas ilhas desaparecem, porém outras se formam; que a margem é escavada de um lado, porém do outro é aumentada.

No entanto, não é na mesma altura do rio que a areia vai se depositar, fazendo o trabalho de apenas atravessá-lo. É mais abaixo, algumas ou muitas leguas. E nêsse ziguezaguear constante, terminará indubitavelmente, como já dissemos, chegando ao oceano.

As fotografias anexas dão uma idéia do desmoronamento das margens.

Verificamos que está sendo realizado um trabalho muito curioso nas margens dêsse trecho do rio.

O 10.º Distrito do D. N. P. R. C. está mandando derrubar toda a vegetação grossa das margens, como pode ser visto na fotografia anexa.

Todos aqueles moradores da região com quem tivemos oportunidade de trocar idéias sobre o assunto, foram unânimes em reprovar essa atitude. As margens nuas ficam ainda mais sujeitas à ação destruidora das águas; grossos troncos ou mesmo árvores inteiras que caem na água, vão perturbar a navegação, chegando a constituir algum perigo para as pequenas embarcações.

Infelizmente, porém, não nos foi possível ouvir os chefes do 10.º Distrito.

Estamos supondo que não é às cegas que se está ali dependendo as verbas da Nação.

Certamente, após o corte da vegetação grossa, irão plantar outros vegetais que com mais garantia defendam as margens do rio. É muito bem conhecida por todos ali, a ação protetora do Zózó (Polygonaceae), dos capins cabeludo, de capi-

vara e dagua (Gramineae) e mesmo do calumbi (Leguminosae-Mimosoideae) quando convenientemente plantados.

Não conseguimos perceber a razão da demora em se plantar essa vegetação protetora, dando assim tempo ao trabalho destruidor das águas.

A's 12 horas do dia 26 de Junho do corrente ano, iam passando ao largo de uma verdadeira serra de areia, na margem esquerda.

Seus primeiros indícios surgiram depois de Pilão Arcado, com pequenas dunas isoladas.

Fomos informados de que tem um comprimento total de 16 leguas.

Qual teria sido a sua origem ?

Em Mocambo do Vento, pouco depois da vila de Ibiraba, Município de Barra, as águas do rio chegam ao pé dessa duna. Aí a vegetação tem mais ou menos os mesmos representantes da nossa sub-zona do sertão: xique-xique — *Pilocereus Gounellei*. Weber; quipá — *Opuntia inamoena* K-Schum; Joazeiro — *Zizyphus joazeiro*; Mart; favela — *Cnidocolus phyllacanthus*; icó — *Capparis jacobinae*-Morc. var; caatingueira — *Caesalpinia Gardneriana*. Benth, etc.

Ainda observamos uma Bombacaceae com sementes oleaginosas, que tem ali o nome de "castanha".

Quem sobe o São Francisco, depois de já ter vencido mais da metade da distância entre Joazeiro e Pirapora, acostuma a vista a uma paisagem mais ou menos uniforme, uma vasta planura cortada por um rio de águas barrentas.

Sente aproximar-se a fadiga da monotonia; do arrastar das horas nos dias de sol quente e céu sempre azul, nas noites estreladas e saudosas.

De súbito, nossos olhos são atraídos por uma serra de pedra escura que, á semelhança de enorme transatlântico em meio de um mar tranquilo, ergue-se do seio da caatinga.

É a serra da Lapa.

Entalhada pelos agentes de erosão, constitue verdadeira obra de arte.

A serra, que á primeira vista parece ser um maciço compacto, possui em toda sua extensão, sulcos profundos, galerias e furnas.

É constituída principalmente por dolomita preta. Incluída na dolomita, encontramos calcita.

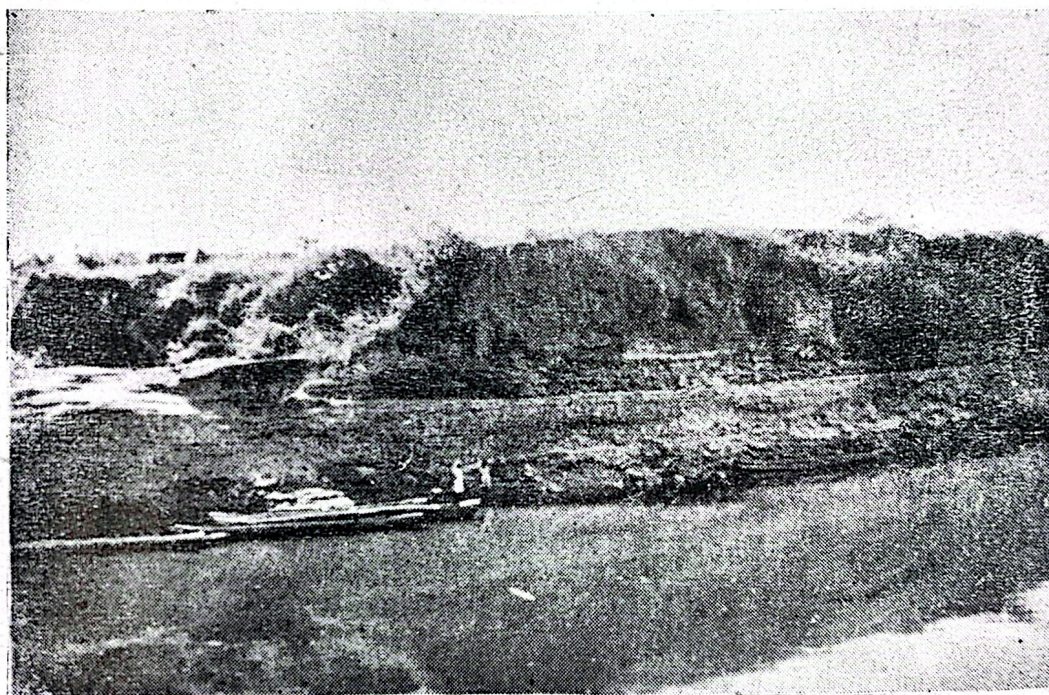


Fig. 2

Margem do São Francisco — São Romão

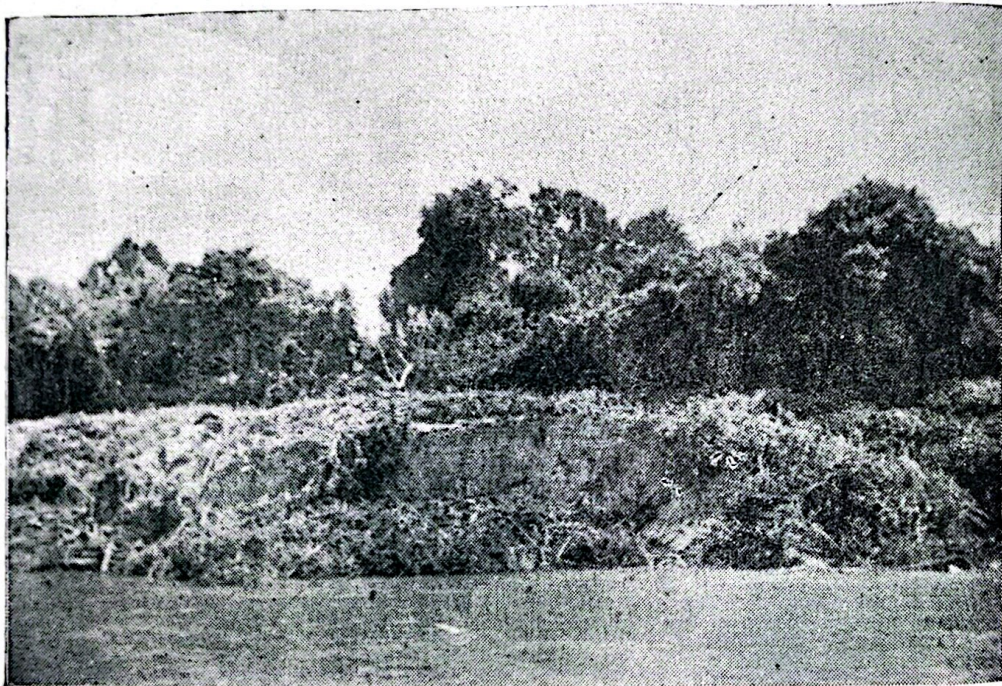


Fig. 3

Derrubada da vegetação marginal do São Francisco

Esta última sendo mais facilmente atacada pelas águas pluviais e demais agentes erosivos, dá lugar às furnas etc. a que nos referimos.

O homem não desprezou essa oferta da natureza e em uma dessas grutas, a maior, instalou um templo católico, dedicado ao Senhor Bom Jesus da Lapa.

A gruta, que fica na extremidade mais próxima do rio, tem a porta voltada para SO, e 48 ms. de comprimento. Com os anos já tem sofrido muitas modificações. Os dois sinos da capela, de sons bem distintos, são dois blocos da própria pedra da serra, suspensos em um varão de ferro.

Deixando o interior da gruta, procuramos escalar a serra, o que não é empresa muito fácil.

Lá do alto, olhamos a paisagem circundante. O rio deslizando mansamente e mais além, o sem fim das caatingas.

Ocorre-nos agora à lembrança uma outra oportunidade, semelhante a essa, quando de outra viagem nossa, do alto da serra de Monte Santo, contemplamos a caatinga baiana.

A mesma impressão nos deixou: a imensidade das terras inaproveitadas. E até quando assim ficarão?...

Na base da serra da Lapa, fica a cidade do mesmo nome. Pobre, triste, velha.

Consta que aproximadamente 80.000 "romeiros" visitam-na anualmente.

O número de mendigos é enorme e o aspecto da cidade é deplorável.

Ervas, arbustos e mesmo árvores existem sobre a serra. Suas raízes penetrando pelas fendas da rocha, até grandes profundidades, qual serpentes coladas às paredes, vão aos recessos mais sombrios, buscar o necessário alimento à sua existência.

Leguminosas, Bromeliaceas, Cactaceas etc. Dessa última família, existe na serra da Lapa uma espécie que lhe parece ser exclusiva. Não temos notícia dela em outro qualquer lugar. É: *Quiabentia Zehntneri*, Britt & Rose. Arbustiva, com folhas carnosas pouco caducas. Muito interessante para ornamentação. Não conhecemos nome vulgar para a mesma.

Concluimos estas ligeiras notas de viagem, com uma apreciação rápida dos serviços de reflorestamento que observamos no sul do país.

É impressionante a quantidade de Eucaliptos, que ali se planta. As demais árvores empregadas, não têm qualquer expressão.

Num estado progressista como São Paulo, esperávamos encontrar estudos interessantes sobre plantas nativas aproveitáveis para reflorestamento, como já se faz entre nós com o Angico — *Piptadenia* sp; a Craibeira — *Tecoma cariba*. M.: a azeitoneira — *Syzygium jabolanium*. Lam, etc. etc.

De um modo geral, porém, o que vemos são enormes plantações de Eucaliptos apenas.

As desvantagens que essa planta apresenta em oposição às suas diversas vantagens, já estão sendo compreendidas e, segundo sabemos, já cogitam de substituir, pelo menos em parte, o Eucalipto pelas árvores nossas, que não são poucas.